



FEMINISMOS MÚLTIPLOS: UM VIR-A-SER DE POSSIBILIDADES

Multiple Feminisms: a come-to-being of possibilities

Cíntia Lisboa¹

RESUMO

Neste artigo apresento como objetivo a divulgação de um conjunto de debates que se cruzam nos feminismos, evidenciando, neste caso, a multiplicidade de formas de entender o feminismo e o ser feminista. Parto da ideia de um mundo em transformação pautado em um contexto de rupturas de pensamentos e modelos universais. Sendo assim, quatro críticas ao movimento feminista são apresentadas em diálogo com uma autocrítica que transforma o feminismo universal em feminismos múltiplos, com características mais humanas, de equidade e de inclusão. Por fim, o texto leva a crer na importância do reconhecimento do lugar de fala para todas as pessoas, diferenciando-se em lugares de falas de privilégios ou lugares de falas marginalizados, sendo que tais lugares são flexíveis a partir da espacialidade e das identidades.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Complexidade social. Diversidade. Feminista.

RÉSUMÉ

Dans cet article, je présente comme objectif la divulgation d'un ensemble de débats qui se croisent dans les féminismes, mettant en évidence, dans ce cas, la multiplicité des façons de comprendre le féminisme et d'être féministe. Je pars de l'idée d'un monde en transformation dans un contexte de ruptures de pensées et de modèles universels. Ainsi, quatre critiques du mouvement féministe sont présentées en dialogue avec une autocritique qui transforme le féminisme universel en féminismes multiples, avec des caractéristiques plus humaines, d'équité et d'inclusion. Enfin, le texte fait croire à l'importance de la reconnaissance du lieu de parole pour toutes les personnes, en se différenciant dans les lieux de discours de privilèges ou de lieux de discours marginalisés, ces lieux étant flexibles à partir de la spatialité et des identités.

Mots-clés: Intersectionnalité. Complexité sociale. Diversité. Féministe.

Significando nosso diálogo

Este artigo surge da oportunidade dada pelo Grupo NOMEAR - Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia da Unicamp/FCA, ao apresentar ao mundo a proposta de um dossiê aberto às diversas discussões que abarcam o gênero, seja como conceito ou como modo concreto de experimentar a vida, bem como as questões que dialogam com os feminismos e a multiplicidade do ser mulher.

A oportunidade oferecida através da chamada deste dossiê é mais do que a publicação de uma obra para quem o escreve e para quem o lê. Na verdade, esse momento

¹ Doutoranda em Geografia pela UEPG. E-mail: cintia.slisboa@gmail.com
CADERNOS PET, V. 14, N. 27



simboliza um ato de resistência e fortalecimento pessoal, mas também coletivo, ao garantir a promoção do pensamento crítico e feminista no Brasil.

Estamos nas fronteiras de um tempo sombrio almejado pelo fascismo, prezar pela democracia e pelo direito à liberdade de expressão que não machuque nada e ninguém é um dever de todas as pessoas que almejam uma construção sócioespacial mais humana, igualitária e incluyente, seja nos espaços ‘reais’ ou ‘virtuais’, a exemplo deste dossiê.

O objetivo que aqui desenvolvo diz respeito à divulgação de um conjunto de debates que se cruzam nos feminismos, evidenciando, neste caso, a multiplicidade de formas de entender o feminismo e o ser feminista. Tal forma de se entender o mundo se dá em um contexto de rupturas de pensamentos e modelos universais.

Ao compreender o feminismo enquanto um movimento político que luta por uma mudança social que combate as problemáticas que afetam a vida das mulheres, percebo que essas problemáticas perpassam por práticas racistas, machistas, misóginas, sexistas, capacitistas, geracionais e capitalistas, que por sua vez afetam a vida de todas as pessoas, sejam mulheres, homens, idosas/os, crianças, etc.

Dessa forma o que é entendido enquanto “luta das mulheres” se torna muito mais amplo, primeiro ao reconhecer que essas mulheres são realmente diversas, e o que afeta um conjunto de mulheres em determinado tempo e espaço pode ser diferente das demandas de outro grupo de mulheres, do mesmo modo ao entender que todos esses problemas já mencionados (e outros mais) também afetam a vida de outras pessoas, que não apenas se identificam enquanto mulheres, pois reconheço que o machismo, o sexismo, não afetam apenas o ‘ser mulher’, também são questões que perpassam por pessoas não binárias e por homens, pontos esses que vem sendo discutidos em especial pelos movimentos e pelas teorias sobre as masculinidades e *queer*. Assim como o racismo não afeta apenas as pessoas não brancas, e assim por diante.

Enxergando o feminismo transpassado por diversas questões é que proponho neste artigo, assim como nos lembra a célebre Bell Hooks (2018 [2000])², que o feminismo é para todo mundo. Entretanto, também entendo quando as críticas ao feminismo aparecem, a exemplo de frases como: “esse feminismo não me representa”, “as minhas dores nunca são prioridades nesse movimento”, “o feminismo só se preocupa com a mulher branca que

² HOOKS, Bell. (Org.). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018 [2000]. 134p.



tem dinheiro”.

Essas são algumas das muitas frases e críticas que já ouvi sobre o feminismo, e em um primeiro momento eu realmente entendo. Porém, eu também busco e espero o meu momento para falar, e quando ele chega eu não consigo não falar o quanto o feminismo é importante e salva vidas. Ao dizer isso eu também estou de acordo com as frases acima que versam críticas a um feminismo liberal, que não necessariamente se propõe a mudança social que buscamos através da ética feminista, e sim a uma comercialização da pauta com um esvaziamento da sua luta política.

Me sinto livre em apontar tais críticas ao mesmo tempo que sinto a necessidade de defender os movimentos feministas, sendo eu, uma pesquisadora em formação institucionalizada, representando a materialidade de um sonho ancestral e herdeira de uma trajetória que poderia ter sido, ou não, de mais fortalecimento de ser humana, digo isso, pois uma das primeiras experiências que me fizeram pensar o lugar social da mulher foi aos meus 12 anos, quando minha mãe, uma estudante de história da Universidade Federal do Pará, foi assassinada por um crime reconhecido hoje em dia como o feminicídio.

Tal experiência, enquanto uma menina órfã do feminicídio me fez pensar em quem lutava pela mulheres que sofriam violência doméstica. O primeiro contato que tive com a luta das mulheres pelas mulheres foi com um feminismo midiático e liberal, que por algum tempo supria minha necessidade, mas que rapidamente apresentou tensões que minhas outras vivências não reconheciam. Foi neste momento que críticas iniciais foram formuladas ao feminismo que até então eu conhecia, foi essa experiência incompleta que novamente me movimentou em busca do que hoje reconheço como os feminismos múltiplos, fazendo com que me sinta confortável em pontuar momentos de críticas e de defesa aos feminismos.

Enquanto uma geógrafa feminista, tendo a buscar as relações espaciais que muitas vezes são invisibilizadas de pesquisas sociais e humanas, trabalhando sobretudo com geógrafas e geógrafos do Sul global, em especial da América Latina, ao almejar uma geografia humana encarnada que não ignore parte da humanidade, contudo, neste artigo em si, me permito dialogar, mas não centralizar as contribuições geográficas, trazendo em especial, experiências vividas e encarnadas que me permitem exprimir em um formato acadêmico e científico, o que tenho vivenciado desde o início da minha adolescência junto ao movimento social, em especial os movimentos feministas e indígenas, contribuindo por



sua vez a um feminismo múltiplo que não secundariza aspectos de classe, de origem espacial, e de geração, em especial, questões essas que são fundamentais em minha vida acadêmica, mas também fora dela.

E para mim esse é o momento de virada do feminismo. Quando ele não mais é entendido enquanto “um único feminismo”, e sim um movimento tão múltiplo, assim como quem com ele se identifica. É aqui que o feminismo se transforma em feminismos, não apenas a partir de epistemologias, mas reconhecendo e valorizando práticas outras de um feminismo não mais hegemônico, a exemplo do reconhecimento e da legitimidade de fontes e experiências que não são as clássicas no meio científico, como a proposta de um saber encarnado, e não apenas teórico metodológico.

Sendo assim, parte das ideias, conversas, trocas e experiências que eu tenho com pessoas próximas a mim, eu tento traduzir por meio das palavras que aqui apresento. O que objetivamente quero com este artigo é mostrar o quanto os feminismos são múltiplos, e o quanto isso tem relação, sobretudo, com a intenção e com aquilo que mais nos move, direcionando a prioridade da nossa fala, do nosso debate, da nossa luta, conforme o que nos é exigido em dado momento.

Eu, enquanto mulher nortista, latina, com ascendência indígena, buscando me tornar uma cientista em um país que muitas vezes se nega a ouvir vozes como a minha, tenho total compreensão de que não serei livre enquanto existir um imaginário social sobre qual deve ser o destino das mulheres.

Sei que não serei livre enquanto indígenas, travestis, mulheres trans e mulheres negras fizerem parte de grandes índices de estatísticas negativas³. Assim como muito me

³ As estatísticas negativas ao qual me refiro dizem respeito as mulheres, sejam elas indígenas, negras, trans e travestis, mãos solas e periféricas, ainda que tais adjetivos concedam a elas (e no meu caso, a nós) outras experiências, os exemplos a seguir referem-se as desigualdades de gênero (que são binárias em feminino X masculino) que todas sofreremos pelo simples fato de sermos mulheres. Alguns desses infelizes exemplos são: Segundo o Fórum Econômico Mundial, de 2019, a mulher segue ganhando menos que os homens, quando comparados os cargos e escolaridade, além disso, ocupam menos cargos de liderança e de perfis gerenciais; já em relação ao imaginário do ‘ser mulher’, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNDU, em 2020, cerca de 90% de homens e mulheres tem visões negativas sobre a atuação de outras mulheres na política e no mercado de trabalho; em relação ao esporte, o estudo desenvolvido pela ONG Britânica Women in Sport, em 2018, revelou que 40% das entrevistadas sofreram discriminação de gênero em suas práticas desportivas; a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA indicou que no ano de 2020 houve um aumento de 41% de assassinatos em relação ao ano anterior, e em uma perspectiva interseccional, complementa que 78% delas eram mulheres trans e travestis negras; em relação as mulheres indígenas, uma pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, apresenta que as mulheres indígenas sofrem com baixos percentuais de assistência pré-natal, representando não só uma



toca quando ouço sobre a violência contra as mulheres, seja no meio rural ou urbano, sobre o quanto as mulheres avançam – ou não - profissionalmente, sobre o quanto não temos autonomia sobre nossos corpos, do mesmo modo que me dói quando ouço relatos sobre violência obstétrica em um momento tão importante na vida de muitas mulheres, e isso sendo que eu nem sou mãe, mas entendo como cada identidade influencia nas nossas demandas que não são fixas, mas se dão a partir das experiências sócioespaciais.

Deste modo, espero que o conjunto de diálogos feministas apresentados a seguir possam reforçar o quanto o feminismo é um movimento importante e deve ser abraçado por todas, todos e todes. As seções deste trabalho apresentam algumas, dentre inúmeras, temáticas plurais associadas aos feminismos, para que possamos identificar os múltiplos feminismos (e ainda assim não todos!) e as mais diversas frentes de atuação dos movimentos feministas brasileiros.

O intuito é apresentar algumas das muitas possibilidades de discussões e práticas feministas, identificadas aqui como: 1 – Teorias críticas do feminismo, onde espero apresentar alguns apontamentos e comentários críticos que a sociedade (em alguns momentos conservadora e em outros momentos as pessoas não representadas pelo feminismo liberal) faz sobre o feminismo; 2 – Feminismos múltiplos, já aqui, pretendo abordar o entendimento e as teorias que apontam as diversas possibilidades de pensamentos e ações feministas, rompendo com um feminismo que se diz universal; 3 – e por fim, Feminismos e lugar de fala, indico nesta seção algo que aprendi e mudou a forma como sou e estou no mundo. Aprendi que: todo mundo tem lugar de fala! E apresento um panorama do conceito e algumas interpretações que dele derivam.

Para tanto, a metodologia utilizada aqui se dá via escriturais (EVARISTO, 2020)⁴ em diálogo com o levantamento teórico sobre os debates e movimentações teóricas mais recentes em relação ao feminismo no processo de transformação para os feminismos múltiplos. Este levantamento teórico versou sobre temas como: feminismo, críticas ao

violação ao seu corpo, mas também a vida de alguém que nem saiu do ventre da sua mãe; por fim, no caso das mulheres negras, o Sistema de Informação sobre Mortalidades, vinculado ao Ministério da Saúde, indica que até o final do ano de 2020, a maioria dos casos de falecimento reportados eram de mulheres negras, inclusive a primeira morte confirmada por Covid-19 no Brasil foi uma empregada doméstica negra, que se contaminou após retorno de uma viagem internacional de seus patrões, o que já nos diz muita coisa.

4 EVARISTO, Conceição. *Conferência de abertura do XI COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadoras/es Negras/os: Negras Escriturais*. 2020. Curitiba – Paraná. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cI5E&ab_channel=ABPN>. Acesso em: junho de 2021.



feminismo e lugar de fala.

Vale ressaltar que a escrita aqui apresentada se dá em primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural, justamente por reconhecer a necessidade da posicionalidade e dos saberes encarnados, como apresentado por Donna Haraway (1995)⁵ e Joseli Silva (2009)⁶. Quando a escrita aparece em primeira pessoa do singular estou me referindo a proposições e experiências particulares, já quando a escrita aparece em primeira pessoa do plural a ideia a ser passada diz respeito a uma coletividade política, em especial a partir de experiências feministas e femininas.

Teorias críticas do feminismo

Certamente você já ouviu alguma crítica ao feminismo. Muitas dessas críticas vêm das próprias mulheres que por tanto tempo não se sentiram representadas por um movimento que se intitula enquanto feminista e apresenta o objetivo de lutar pelos direitos das mulheres, mas, na prática não representa uma parcela muito grande do diverso mundo do que é ser mulher. O que me faz assumir que boa parte dessas críticas estão corretas.

Ora, mas por que um movimento político que luta pelos direitos das mulheres recebe críticas que em grande parte estão corretas? Lutar pelo direito das mulheres não é algo bom que deve ser assumido por toda a humanidade?! Afinal, o benefício é coletivo. Sempre que avançamos na garantia e promoção do direito para uma pessoa, estamos avançando enquanto humanidade.

Entretanto, por muito tempo o que foi apresentando enquanto feminismo não passava de uma movimentação política que não almejava uma mudança estrutural real, e sim conquistas pontuais que se destinavam apenas a algumas poucas mulheres, sobretudo as mais favorecidas economicamente, o que também significa assumir que se tratava de uma parcela de mulheres brancas, tendo em vista que o capital é concentrado na

5 HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, s/v. n. 5, p. 7 - 41, 1995.

6 SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria: *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25 – 54.



branquitude⁷ em nossa sociedade capitalista colonial⁸.

As críticas ao feminismo, movimento que tem diversas histórias, dependendo do seu espaço de origem, de quem as conta e da sua intencionalidade, não se resumem às conversas cotidianas e à questão da falta de representatividade. São críticas sérias, com desenvolvimento teórico, que contribuem cada vez mais para o avanço do movimento. Esse pensamento também se estendeu às universidades, grupos de estudos, núcleos de formação e às teorias críticas que se preocupam com uma posição de identidade, para além de uma discussão apenas de classe, renda e ideologia.

Podemos identificar alguns desses exemplos através do feminismo negro, do feminismo de terceiro mundo, do feminismo trans, das mulheres latino americanas e caribenhas, do movimento de mulheres indígenas, do movimento *queer*⁹, das mulheres lésbicas, de mães, de mulheres mais idosas, entre outras, que não só pontuam contundentes críticas no seu dia a dia, mas passam a tecer reflexões teóricas sobre a problemática de um feminismo universal.

Desta forma, apresentarei quatro críticas que estão em pauta tanto na prática cotidiana dos movimentos de resistência, quanto no debate acadêmico. A proposta é apresentar um pouco sobre cada crítica e toda a sua legitimidade, entretanto, também defendo a necessidade de se ressignificar, como fazemos com nós mesmas a cada dia, o que se entende e vivencia enquanto feminismo.

Essa mudança na interpretação do feminismo se dá quando há o entendimento que não mais podemos permitir que o mesmo seja visto como um debate e luta de uma parcela de mulheres, mas que precisa ser múltiplo, acolhedor, multifacetado, diversificado, pois só

7 Branquitude é aqui entendida como um processo social e psíquico de construção da/o 'outra/o' não branca/o, sejam pessoas negras, indígenas, amarelas, etc, em oposição ao 'ser' naturalizado como 'branco' e referente universal de classificação hierarquizada da realidade.

8 Esta ideia advém do pensamento que o colonialismo não acabou com a colonização, necessariamente. Se fazendo presente hoje por meio das colonialidades. As colonialidades dizem respeito a um conjunto de fenômenos nas esferas econômicas, políticas, culturais, psicológicas, e do saber. Essa defesa advém em especial do que é identificado enquanto teoria descolonial ou decolonial.

9 De acordo com Helena Vieira (2015), o Movimento Queer propõe o questionamento às epistemes (pressupostos de saber), ao que entendemos como verdade, às noções de uma essência do masculino, de uma essência do feminino, de uma essência do desejo. Para o Movimento Queer é preciso olhar para esses conceitos e tentar perceber que não se tratam, de forma alguma de uma essência, ou mesmo, que não há uma ontologia do todo, mas, no máximo, uma relação de mediação cultural dos marcadores biológicos.

10 VIEIRA, Helena. Afinal, o que é a teoria queer? O que fala Judith Butler? *Diálogos do Sul - UOL*. São Paulo - SP, 25 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/51728/afinal-o-que-e-a-teoria-queer-o-que-fala-judith-butler>>. Acesso em: junho de 2021.



assim será um reflexo da sociedade. As críticas não representam o fim, a estagnação, e sim a indispensabilidade de se refletir, de ter a autocrítica como uma aliada positiva, para que sempre possamos melhorar.

É assim que devemos ser com relação ao feminismo. Afinal, devemos crer que quando lutamos em defesa dos direitos de uma pessoa, isso mesmo que localmente, já significa um avanço para nós enquanto sociedade. Se por um tempo o feminismo foi excludente e silenciou diversas vozes isso ocorreu como reflexo de crenças de determinadas pessoas (em especial, de mulheres brancas e ricas) em específico tempo e espaço, e que detinham maiores poderes sociais de visibilidade, reconhecimento, legitimação e fala. Cabe a nós a defesa e ressignificação do termo.

Cláudia Cardoso (2014)¹¹, ao fazer uma leitura sobre Lélia Gonzalez e sua trajetória com o debate feminista, indica que a autora apesar de pontuar críticas ao feminismo hegemônico e propor uma mudança na prática feminista tradicional, também reconhece que é inegável o papel desempenhado nas lutas e conquistas feministas, tendo um papel crucial para o encaminhamento de diversas conquistas¹², além do fortalecimento de outros grupos sociais, como o fortalecimento do movimento de mulheres negras e indígenas, o fortalecimento da luta anticapitalista, anticapacitista, e assim por diante.

Entendo que esses silenciamentos e não representatividade podem significar dor para muitas pessoas, mas, por outro lado, a chance de mudança e de se melhorar com as críticas estão aí, assim como veremos nas próximas seções. Por enquanto vamos começar a entender por onde essas críticas se deram.

11 CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 965 - 986, 2014.

12 O movimento feminista segue sendo um mobilizador de conquistas sociais e de direitos em inúmeros países e há muito tempo. Para nos atermos em conquistas guiadas pelo movimento feminista brasileiro, trago alguns exemplos como: o direito de meninas e mulheres frequentarem as escolas, em 1827, tendo em vista que até tal ano, apenas meninos e homens podiam ter acesso a educação primária, mais uma vez, em especial a população branca; a conquista pelo direito ao voto feminino, em 1932; a criação do Estatuto da Mulher Casada, que em 1962 revogou a obrigação da mulher casada precisar de autorização do marido para trabalhar, bem como permitiu o acesso à herança e ao pedido da guarda dos filhos e filhas em casos de separação; a conquista ao direito de poder jogar futebol, que até o ano de 1979 era um esporte que oficialmente podia ser praticado apenas por meninos e homens; e mais recentemente, em 2006 foi sancionada a Lei Maria da Penha, importante instrumento para a manutenção da vida das mulheres; já em 2015 a Lei do Feminicídio foi aprovada; bem como, em 2018 a importunação sexual feminina passou a ser considerada crime. Estes são alguns dos exemplos possíveis quando falamos em conquistas capitaneadas por mulheres e pelo movimento feminista do Brasil. Ao pensarmos em uma escala internacional, diversos outros exemplos também se apresentam, contudo, a intenção aqui é fortalecer a perspectiva nacional do movimento feminista.



Mabel Campagnoli (2018)¹³ apresenta um panorama geral desde o surgimento das primeiras críticas ao feminismo, no final da década de 1960 e início dos anos 1970, até as críticas mais recentes. Mas, para que possamos entender essa leitura histórica do feminismo é preciso partir da historicização, ou seja, da narrativa histórica, apresentada por um pensamento eurocêntrico e norte americano.

Para a autora, as primeiras críticas surgem na segunda onda do feminismo. Entretanto antes de começarmos a falar sobre as críticas, vamos compreender rapidamente o que foram as “ondas do feminismo”. O que entendo por esse termo é a narrativa do feminismo hegemônico (ou feminismo universal) que se inicia no início do século XX. Vale destacar que este feminismo universal correspondia nitidamente às características de pessoas de grande porte econômico, do norte global, cristãs, brancas e héterocisnormativas. Notadamente mulheres com visões e práticas feministas sempre existiram na história, contudo, a história do feminismo hegemônico começa a ser contada neste ponto. Vale ressaltar que em diferentes períodos históricos e em diferentes contextos espaciais as mulheres também tinham demandas distintas, todavia, para pensarmos em termos de “ondas feministas” se faz um agrupamento histórico de reivindicações que de alguma forma culminam em uma verdadeira sequência de lutas, o que nos faz pensar na ideia das ondas.

A primeira onda do feminismo nos é apresentada por meio das sufragistas na Europa, nas primeiras décadas do século XX, que lutavam por direito ao voto, a participação política e a vida pública. Notadamente o seu marco se dá em uma perspectiva liberal e universal, através do discurso que homens e mulheres são iguais (moral e intelectualmente), logo podem e devem ter os mesmos direitos garantidos, sobretudo no que diz respeito ao espaço público, que só era permitido ser acessado pelo homem, enquanto a mulher deveria ficar em casa, no espaço privado, além de ser um debate pautado na branquitude.

Contudo, é na segunda onda do feminismo, que se inicia em meados do século XX, no início da década de 1960, que as condições das mulheres enquanto exploradas pelo seu sexo e capacidade reprodutiva começam a caracterizar esse momento histórico na luta das mulheres. Essa discussão é então inserida nos debates acadêmicos, realizados nas

13 CAMPAGNOLI, Mabel Alicia. Epistemologías críticas feministas: Aproximaciones actuales. *Descentrada - Revista interdisciplinaria de feminismos y género*, v. 2, n. 2, p. 1 – 10, 2018.
CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



universidades, que nesse período começavam a receber um grande número de mulheres.

Quando as teorias se preocupam em caracterizar e explorar as condições das mulheres, um discurso proferido por mulheres marginalizadas no então movimento feminista começa a ganhar voz. Essas mulheres, que em comum têm o fato de não serem brancas, ricas e héteros, questionam e indicam que suas demandas e condições são diferentes do que o feminismo indica enquanto condições das mulheres. Elas apontam que o discurso publicizado diz respeito apenas às condições das mulheres brancas héteros.

Retornando à Mabel Campagnoli (2018)¹⁴, a autora nos fala que nesse momento, entre as décadas de 1960 e 1970, se começa a desconstruir um imaginário único de ser mulher. A primeira crítica então se dá na necessidade de visibilizar que diferentes mulheres existem e resistem no mundo, sendo a experiência do ser mulher uma experiência marcada pela complexidade.

Aqui vemos que o feminismo que tenta universalizar a mulher é posto em xeque, quando contradições racistas, classistas, heterocisnormativas, capacitistas, etc, se encontram na sua prática. Em destaque as mulheres negras, latinas, caribenhas e lésbicas são as que reconhecidamente assumiram essas críticas.

Deste modo nos encaminhamos para a segunda crítica, que surge em detrimento do desenvolvimento teórico do que imaginamos tradicionalmente enquanto gênero. Essa crítica se dá especialmente pelo desenvolvimento científico elaborado pelos Estados Unidos, que pensa o gênero enquanto uma maneira de igualar homens e mulheres, assim como nos estudos europeus, que desenvolvem o imaginário do gênero a partir da diferença entre homens e mulheres, logo, necessitando de um tratamento social que leve em conta tais aspectos distintos.

No meio tempo em que a discussão feminista desenvolvida nas universidades do Norte global se preocupava com o desenvolvimento epistêmico do quem vem a ser o gênero, esse termo foi captado por organismos institucionais. A segunda crítica aqui apresentada refere-se à forma que essas instituições tratam a abordagem de gênero, reduzindo-o a sinônimo de mulher ou de feminismo.

Um desdobramento positivo desta segunda crítica ao feminismo e a forma que ele se desenvolvia cientificamente foi a abertura de espaço para os estudos de masculinidades

14 *Id. Ibid.* p. 4.



via abordagem de gênero. Entendendo em um primeiro momento uma construção binária entre o ser homem e o ser mulher, onde um não existe sem o outro, nem que seja para enxergar o seu oposto e a partir daí se diferenciar como sujeita/o.

Já a terceira crítica vem dos denominados feminismos do Sul global, ou de terceiro mundo. Seu debate parte da crítica que as pessoas em condição de subalternidade, em especial as mulheres subalternizadas, levantam a partir de suas experiências locais, reverberando em identidades territoriais. Críticas essas que se dão em relação à universalidade da/o sujeita/o eurocêntrica/o. Temos neste movimento um caráter forte de espacialidade, de origem geográfica.

O que entendo enquanto caráter forte de espacialidade, de origem geográfica, se dá nos e pelos espaços que majoritariamente originam tais discussões. Como o próprio nome já diz, é um feminismo localizado no Sul global, tendo como expoente críticas que tensionam o caráter anglófono e eurocêntrico. Continentes como o africano e a parte sul da América (que abarca as divisões da América do Sul e da América Latina), trazem grandes contribuições ao racializar e espacializar o debate que até então era promovido de forma universal pelo feminismo do Norte global.

Vale ressaltar que os feminismos do Sul global são não produzidos apenas abaixo da Linha do Equador, devemos reconhecer a existência de pessoas aliadas que estão em espaços colonizadores do Norte global, além de também reconhecermos as pessoas que transitam entre as fronteiras globais, a exemplo de muitas e muitos imigrantes que vão para a América do Norte ou para a Europa em busca de outras oportunidades de trabalho e de estudo e que contribuem para a luta feminista ao indicarem o quanto a origem espacial complexifica as colonialidades.

Uma associação é feita a denúncia proposta pelas colonialidades, desenvolvidas na América Latina e Caribe. O que as autoras feministas latino americanas apontam, influenciadas pelo feminismo comunitário ou indígena e pelo feminismo negro, versa sobre a colonialidade de gênero. A colonialidade de gênero, para autoras como María Lugones (2014)¹⁵ e Rita Laura Segato (2012)¹⁶ se dá a partir das relações de poder nas

15 LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935 - 952, 2014.

16 SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-Cadernos Ces [online], Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical*, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: junho de 2021.



dimensões materiais, ou seja, literalmente do que podemos visualizar em termos de gênero pensando em homem e mulher cisgêneros e heterossexuais, e na construção subjetivas desses imaginários. Esta representação é resultado de um patriarcado colonial moderno para Segato (2012)¹⁷. Mesmo com o fim das colônias ainda resta um controle subjetivo das normas e relações entre gênero e sexualidade.

Tendo em vista um feminismo geopoliticamente situado, o feminismo descolonial (latino americano e caribenho), como um representante dos feminismos do Sul global, irá desenvolver nas universidades subalternizadas, encontradas nos também chamados “países de terceiro mundo, ou em fase de desenvolvimento”, uma crítica epistemológica ao feminismo desenvolvido nos países do Norte global, ou majoritariamente atrelados ao feminismo universal.

Essa crítica se dá conforme a prática científica que reduz as experiências e vozes de mulheres latinas e caribenhas a objetos de análise ou a tradutoras de teorias e conhecimentos do Norte global. Este momento da terceira crítica ao feminismo hegemônico se dá na virada dos anos 2000, sendo apresentado como passagem da segunda para a terceira onda do feminismo universal.

Oyèrónké Oyěwùmí (2004)¹⁸ indica o privilégio racial e de gênero como uma parte essencial do *ethos* europeu, que está consagrado na cultura naturalizada da modernidade. Segundo a intelectual, talvez a crítica mais importante de articulações feministas, tanto no Norte quanto no Sul global, é a compreensão da análise inseparável de gênero, raça e classe. Tendo em vista que mesmo que se faça uma pesquisa ligada às mulheres brancas, é necessário racializá-las e identificar que suas experiências se dão dentro de um privilégio, ainda que não em relação ao gênero, mas em relação a sua raça.

Esta noção visibiliza as diferenças entre as mulheres e a necessidade de teorizar múltiplas formas de opressão, que ocorrem simultaneamente, sendo possível de visualizar a partir do contexto interseccional de um fenômeno. Porém, segundo a autora, é necessário um rompimento com a forma de leitura do mundo proposta na ciência ocidental, pois as teorias eurocêntricas, sendo universalistas, se desdobram em conceitos, temáticas, metodologias, etc.

17 *Id. Ibid. online.*

18 OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *CODESRIA: Gender Series*, v. 1, p. 1 – 8, 2004.



Uma alusão é apresentada pela intelectual ao pensar gênero atrelado às feminilidades de forma eurocêntrica, onde metodologicamente, grande parte das análises que levam em conta as mulheres são direcionadas ao lar da família nuclear, com uma visão binária entre espaços públicos e privados, o que reduz a mulher a condição de mãe e esposa, ignorando a relação com raça, sexualidade, capacidade, idade, religião, etc, que constituem as mulheres. Vale lembrar que a autora está fazendo tal apontamento no início da virada do século XXI, tendo em vista que hoje já existem mais trabalhos interseccionais que naquela época.

Na virada dos anos 2000 os feminismos múltiplos ganham força, em relação ao diálogo das lutas anticapacitistas com os movimentos feministas, o debate e a valoração do corpo é central, tendo em vista que ambos movimentos, ainda de que modos diferentes, lutam pela autonomia e a não fetichização de seus corpos, outros dois aspectos podem ser pensados quando falamos de mulheres com deficiência, que vivenciam o machismo e o capacitismo, bem quando falando sobre as pessoas que majoritariamente praticam o ato de cuidar, sendo muitas vezes uma atribuição destinadas as mulheres mães, avós, tias e irmãs.

Já no que tange a relação racial e étnica com os movimentos feministas, temos o exemplo do movimento de mulheres negras, que interseccionam o debate racial e generificado, tendo em vista um feminismo que não pontuava questões raciais, do mesmo modo que o movimento negro por muito tempo não pautou as questões de gênero, cabendo as mulheres negras levantar inicialmente tal reflexão em seus meios de resistência e atuação.

Outra prática comum nos feminismos múltiplos do Sul global, refere-se ao olhar generificado dos espaços, sejam em territórios vivos corporificados ligados as populações indígenas, seja em relação as cidades, na busca pela democratização do espaço urbano, indicando o quanto diferentes pessoas vivenciam a cidade também de modos diferentes, a exemplo das mulheres, que normalmente sente medos e insegurança ao utilizarem os espaços públicos. Tais reflexões são desenvolvidas em sua maior complexidade com o auxílio das críticas ao feminismo liberal advindas em especial do Sul global.

A quarta crítica é um debate bem atual, datando de discussões que ganham força já no século XXI, ao mostrarem a reprovação do reducionismo binário que o sexo e o gênero naturalizam. O que se pretende agora é ser mais amplo, reconhecendo a possibilidade de



existência para além dessa dualidade heterocisnormativa do ser mulher e homem.

O indicativo sobre a necessidade de refletirmos sobre as dualidades, tão presentes em nosso cotidiano, extrapola a discussão da corporeidade se aproximando de aspectos religiosos, jurídicos e médicos, como apresentado por Judith Butler (2007)¹⁹ e por Lélia Gonzalez (1988)²⁰, que entende que o sexo, assim como a noção de sexismo e de racismo, se baseiam em argumentos tidos como biológicos, identificados através da “natureza do corpo”, quando até o que entendemos enquanto biológico ou natural também são resultados sociais e culturais e afetam o imaginário das feminilidades e masculinidades.

Esta compreensão nos permite avançar na luta pelos direitos das travestis, de pessoas trans e de pessoas não binárias, questionando as ordens morais e institucionais, o que vem contribuindo para o que pode ser reconhecido enquanto manifesto das epistemologias *queers* e trans, conforme Campagnoli (2018)²¹.

Feminismos múltiplos

São das críticas já apresentadas e de outras concepções imaginadas que a defesa dos múltiplos feminismos surgem. Outra influência se dá no aumento de universidades, onde a abertura de vários cursos de especialização e pós-graduações representam campos específicos dos conhecimentos que vão sendo criados, entre esses campos, os dos estudos feministas.

Como alguns exemplos dentro de um crescente leque, tem-se o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, vinculado à Universidade Federal da Bahia, a Especialização em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, junto à Universidade de Passo Fundo e o Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, dentre outros.

Nessa linha, pesquisas e teorias específicas são formuladas levando em conta a necessidade de se atentar às demandas que estavam sendo silenciadas e marginalizadas no debate que vinha sendo produzido até então. É quando começamos a observar as

19 BUTLER, Judith. Sujetos de sexo/género/deseo. In: BUTLER, Judith. *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad*. Paidós, p. 45 – 100, 2007.

20 GONZALEZ, Lélia. “Por um feminismo afrolatinoamericano”. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133 - 141, 1988.

21 CAMPAGNOLI, Mabel Alicia. Epistemologías críticas feministas: Aproximaciones actuales. *Descentrada - Revista interdisciplinaria de feminismos y género*, v. 2, n. 2, p. 1 – 10, 2018.



adjetivações que vão sendo somadas ao feminismo, onde temos como alguns exemplos: feminismo negro, feminismo descolonial, feminismo indígena ou comunitário, feminismo lésbico, feminismo trans, feminismo interseccional, feminismos plurais, feminismo e maternidade, feminismo marxista, ecofeminismo, dentre outros.

Algumas terminologias vão surgindo, sendo posteriormente desenvolvidas em prática e teoria. O que acontece nesse movimento é uma autocrítica, onde a defesa pelo feminismo é apresentada do mesmo modo que o reconhecimento sobre a necessidade do diálogo do feminismo com outras pautas. E quando observamos essas terminologias podemos identificar qual será a direção do diálogo naquele momento.

De acordo com Joana d’Arc Pupo (2019)²² o feminismo desdobrou-se em diversas perspectivas, relevantes e politicamente complementares. O cerne comum se dá na convicção e comprometimento de atuação pelas diferenças e singularidades da sua comunidade. Ou seja, existe a singularidade que une o ‘ser mulher’ em torno do feminismo, mas também existe a diferença que é separada pela adjetivação que se segue, o que não significa dizer que a atuação conjunta não exista. Deste modo podemos dizer que a singularidade une as pessoas que se identificam e vivenciam o ser mulher, enquanto a diferença agrega as complexidades do ‘ser mulher’, bem como pessoas que não vivenciam e se identificam com as feminilidades, mas que são parceiras na luta feminista.

O movimento feminista como um todo só ganhou com a prática de autocrítica. Novas abordagens, metodologias de pesquisa, atuação e respostas a problemáticas sociais são incorporadas na discussão feminista que agora dialoga com diferentes sistemas de opressão, como sexualidades, raça/etnia, classe, geração, identidades, territorialidades nacionais (PUPO, 2019)²³, capacitismo, discussões sobre violência, planejamento e acesso a cidade, educação, etc.

Novamente, tais empenhos se dão na concepção de um movimento não mais universalista, onde as experiências individuais e coletivas unem-se para a construção de políticas emancipatórias para grupos considerados minoritários. Uma pluralidade de possibilidades é permitida e estimulada com esse reconhecimento.

22 PUPO, Joana d’Arc Martins. Feminismos múltiplos – Teorias, pensamentos e autoria literária de mulheres. In: *III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem: Descolonialidade e desobediência nos estudos das linguagens*. Ponta Grossa – Paraná, 2019, p.1. Disponível em: <https://siseve.apps.uepg.br/storage/ciel2019simp/32_Joana_D_Arc_Martins_Pupo-155205694275362.pdf>. Acesso em: junho de 2021.

23 *Id. Ibid. online.*



Cristina Wolff, Jair Zandoná e Soraia Mello (2019)²⁴ chamam nossa atenção para outras relações de poder que aparecem quando mudamos o *lócus* das novas interpretações feministas, para além da dicotomia entre mulheres e homens e espaço público e privado, como normalmente os estudos das mulheres apresentavam, notadamente restritos a análise do lar como ambiente relacionado às mulheres.

Debates em torno do judiciário, da religiosidade, da participação no mercado de trabalho, de governos autoritários e de direita, da desigualdade de renda, ditaduras, do não acesso à terra, da violência sexual, entre outros, são alguns dos temas que Wolff, Zandoná e Mello (2019)²⁵ nos trazem como resultados ao pesquisarem a relação dos feminismos no Brasil e seus campos de atuação.

O que observamos é a pluralidade de espaços de atuação das lutas feministas, diferente do imaginário social que há sobre uma possível pauta do feminismo ser acabar com a família tradicional e com os casamentos, ou ainda se resumir aos interesses apenas das mulheres ou sobre as mulheres.

Ainda de acordo com a pesquisa mencionada anteriormente, o feminismo no Brasil se consolida com o apoio de mulheres da esquerda brasileira. E sob essa influência temos um feminismo múltiplo comprometido com uma leitura crítica das hierarquias de gênero, igualmente preocupado com exclusões articuladas aos marcadores das colonialidades que desenvolvem a sociedade brasileira, em especial as de classe.

Desta maneira duas perspectivas podem ser assumidas pelas correntes feministas. As lutas no âmbito cultural e as lutas do âmbito material, sobretudo no que diz respeito ao avanço na promoção dos direitos das mulheres que levam em conta outros aspectos além do gênero.

Ressalto que não estamos pensando em uma evolução linear ou em uma história que tenha apenas progressos e conquistas, os feminismos, assim como todo movimento social, possuem relação estreita com contextos políticos, econômicos, culturais e espaciais. E dependendo do momento há recuos e retiradas de direitos, como bem nos

24 WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. *Feminismos Plurais, Mulheres de Luta*. In: (Orgs). WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. *Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)*. 1ª. ed. – Curitiba: Appris, p. 8 – 16, 2019.

25 *Id. Ibid.* p. 11.



lembra Manuela Tavares (2011)²⁶.

Suely Costa (2004)²⁷ fala que apesar das diferentes trajetórias dos feminismos essa renovação “mostra a vitalidade e enorme força de propagação de ideia libertárias e igualitárias” (p. 23). A autora ainda ressalta que as diversas tendências feministas não são apenas contemporâneas, e apesar de não terem assumidamente tal identidade, o seu embrião já vem de lutas antigas das mulheres.

Outra característica da renovação do pensamento feminista é seu caráter internacional, a exemplo da Marcha Mundial das Mulheres que existe desde os anos 2000, e começou como uma grande mobilização que reuniu mulheres do mundo todo em torno da campanha contra a pobreza e a violência, mostrando como há uma reordenação das pautas neste século.

Neste momento, a noção de sororidade, onde há a homogeneização e ocultação das diferenças e desigualdades entre as mulheres-irmãs é substituída pela noção de dororidade, cunhada por Vilma Piedade e identificada como “a cumplicidade entre as mulheres negras, pois existe dor que só as mulheres negras reconhecem” (GELEDÉS, 2017)²⁸.

Hoje reconhecemos que a dororidade se faz presente no cotidiano de outras mulheres que não apenas as negras, e por isso o termo se amplia mais ainda, abrangendo outras experiências e as conectando pela dor. As revisões e avanços em determinada área ou movimento sempre partem com a tomada de consciência que estamos sempre em movimento. Ao pararmos, estagnamos, e esse é o sentido contrário da vida.

Os estudos, debates e práticas feministas têm avançado ao se permitirem rever suas abordagens focadas apenas na dominação patriarcal economicista e universal. Quando outros aspectos complementam as vozes das mulheres, as tornando mais condizente com a realidade social, é que percebemos a força que os feminismos possuem, e é por isso que se tem tanto medo do feminismo, parece um bicho de vinte e duas cabeças!

26 TAVARES, Manuela. *Feminismos: Percursos e Desafios*. Alfragide – Portugal: Texto Editores, 2011. 746p.

27 COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. *Revista Estudos Feministas*, n. Edição Espacial, v. 12, p. 23 - 36, 2004.

28 GELEDÉS. *A dororidade e a dor que só as mulheres negras reconhecem*. 23 de dezembro de 2017. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/dororidade-e-dor-que-so-as-mulheres-negras-reconhecem/>>. Acesso em: julho de 2021.

Feminismos e lugar de fala

Não é incomum vermos na internet, ou até mesmo presenciarmos, falas que almejam uma suposta isenção de opinião ao usarem de cartada o argumento de “não tenho opinião porque esse não é meu lugar de fala”. Há uma imaginação muito forte onde o lugar de fala é entendido como se fosse lugar de autoridade discursiva, onde uma pessoa fala e a outra apenas ouve. Contudo, isso é uma interpretação um tanto quanto equivocada do que vem a ser o lugar de fala realmente.

Pensando inicialmente na relação dos feminismos com o lugar de fala, a crítica surge primeiramente em relação a uma binaridade de gênero, a exemplo, homens e mulheres. Com esse imaginário dicotômico e sectário, a imagem passada é a que apenas mulheres possuem propriedade para falar no e sobre o feminismo, afinal, lembra daquela história do feminismo ser visto apenas como história das mulheres? Também pensam que ele só pode ser contado e praticado por mulheres.

Ao pensarmos dessa forma o que temos na prática é um lugar de autoridade de fala, e de acordo com essa autoridade, das duas, uma: você tem ou não tem autoridade para falar. Porém, esse é um pensamento que silencia, ausenta e marginaliza um conjunto muito grande de vozes, pois para o próprio funcionamento de uma sociedade hierárquica, apenas poucos podem ter autoridades e privilégios.

Quando as vozes que sempre foram ausentadas da centralidade do debate começam a tomar destaque é quando percebemos um deslocamento em um lugar de enunciação que sempre existiu, porém se apresenta como neutro, como universal, como o ponto de partida padrão. Mas, quando observamos criticamente essa voz que nos narra as histórias de nossas/os ancestrais, a voz que vemos no domínio da cultura, do cinema, e da arte, a voz que também está naturalizada em muitas instituições, nós percebemos que essa voz nada tem de neutra, universal e padrão.

Pensar nessa fala, entendida não como a fala individualizada de uma pessoa, mas enquanto um discurso social, nos remete a uma posição social, ou o então lugar social de onde parte a fala de uma pessoa. Não visto como a experiência e legitimação de quem fala, e sim visto como um conjunto de marcadores que vai além da/o indivíduo/a. Neste sentido, como nos fala Djamila Ribeiro (2017)²⁹, é pensar no lugar que parte a fala de

29 RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte – MG: Editora Letramento, 2017, *CADERNOS PET*, V. 14 , N. 27 ISSN: 2176-5880



alguém dentro do jogo de relações de poder que ocorre em nossa sociedade.

Sendo assim, no livro *O que é o lugar de fala?*, a autora Djamila Ribeiro (2017)³⁰ nos convida a avançar no entendimento sobre o conceito quando deslocamos essa interpretação equivocada da associação do lugar de fala apenas a pessoa que está falando em si. É preciso pensar essa pessoa como pertencente a um grupo social, e identificar a partir desse grupo social qual sua condição.

Com as nossas estruturas coloniais, como o racismo, o capitalismo, o sexismo, o patriarcado, o capacitismo, a heterocisnormatividade, etc, qual seria o lugar social que parte uma fala? É um lugar de experiências privilegiadas ou marginais?

Obviamente cada pessoa é única, e não podemos acreditar no essencialismo das identidades. As condições materiais e subjetivas das pessoas não são iguais apenas por elas serem identificadas enquanto mulheres, como se todas as mulheres do mundo sofressem igualmente com o machismo, sexismo, ou o patriarcado. Não necessariamente.

Em uma narrativa que pouco nos é contada, as mulheres negras que foram forçadas através do Atlântico e ao chegarem no Brasil foram escravizadas não necessariamente se viam em condições de desigualdade diante de homens negros africanos. Algumas eram guerreiras, outras eram princesas e rainhas com uma vida pública e ativa politicamente, diferente das metanarrativas da história das mulheres em uma perspectiva eurocêntrica. Onde até o século XIX poucas podiam trabalhar fora de casa, poucas podiam transitar em vias públicas e seu espaço era entendido enquanto o espaço da casa, cuidando dos filhos e afazeres domésticos.

Do mesmo modo, ainda buscando acabar com os essencialismos das autoridades de fala por vivência e experiência, também podemos pensar no lugar de fala associado à discussão de racialidades. Uma pessoa ser negra não significa dizer que ela terá vivido todas as experiências de uma sociedade racista da mesma forma que todas as outras pessoas negras, e apenas por isso ela tem lugar de falar em discussões antirracistas.

Não, não! O que acontece nesse caso, é que a fala de uma pessoa negra, em uma sociedade racista, parte de um lugar, de pessoas negras como um grupo ou uma identidade social, que se encontram em condições desiguais em uma relação de poder onde a branquitude é privilegiada. A partir daí o seu lugar de fala é dessa experiência, que,

112p.

30 *Id. Ibid.*



novamente, não diz respeito apenas a sua experiência individual, e sim coletiva (ainda que dentro dessa coletividade exista a singularidade também).

Porém, uma pessoa branca também possui lugar de fala na discussão antirracista. Do mesmo modo que um homem possui lugar de fala no feminismo. A diferença, é que ambos (a pessoa branca, e o homem) partem de um lugar social de privilégios em uma sociedade racista e machista. Logo, sua fala pode ser de uma pessoa aliada à causa, que todo dia busca refletir sobre sua posição social, apenas será uma fala que tem como lugar de partida um lugar de privilégios socialmente.

Vale ressaltar que este lugar de privilégio também é um lugar flexível a depender das experiências sócioespaciais, por exemplo: um homem cis e branco pode ter seu privilégio racial e masculino negado ou questionado se sua sexualidade for dissidente, como a bissexualidade ou a homossexualidade.

Enxergando o lugar de fala como essa origem social da fala, observamos a refutação da ideia de universalidade, onde a essência de uma pessoa idealizada possui a autoridade sobre um discurso, sendo a única legitimada a falar sobre. É justamente o contrário. Novamente enxergo um avanço para o feminismo quando articulações são associadas à dimensão de gênero, fazendo com que novas vozes, corpos e histórias entrem em cena, conforme Mónica Fontana (2017)³¹.

A autora reforça que quando essas vozes e corpos silenciados do debate entram em cena, não são sujeitas/os individualizadas/os falando. Por mais que o “eu” esteja presente, o lugar de fala ali defendido diz respeito a um “eu ideológico”, onde experiências vindas das estruturas podem até ser semelhantes, ainda que também sejam particulares.

Camila Mendonça e Cíntia Albuquerque (2020)³² indicam que um dos problemas dessa individualização ocorre pela confusão com o conceito de representatividade. Lugar de fala e representatividade são duas ideias diferentes, todavia, ambas são reduzidas, equivocadamente, a um corpo que se faz presente em determinado discurso.

Para as autoras, precisamos promover um debate acolhedor, inclusivo e honesto, sem enrolação e idas e vindas, pois é justamente isso que afasta essa discussão de uma

31 FONTANA, Mónica Graciela Zoppi. Lugar de fala: enunciação, subjetivação, resistência. *Conexão Letras*, v. 12, n. 18, p. 63 - 71, 2017.

32 MENDONÇA, Camila; ALBUQUERQUE, Cíntia. Sobre o lugar de fala: Localizações, silenciamentos e autorizações. *Revista ECO-Pós*, v. 23, n. 1, p. 561 - 567, 2020.



grande massa da sociedade. Achar que tal debate é muito difícil e deve ser consumido apenas por uma pequena elite intelectual é um pensamento predominante fora e dentro da academia.

O próprio lugar de fala já representaria uma saída para tal problemática, tendo em vista que diversos lugares de fala só complementam as temáticas e os diferentes pontos de vista sobre uma mesma perspectiva. Não é um “recorte” a mais que agora aparece, e sim a fala de alguém que sempre existiu, mas que só agora está sendo ouvida.

As histórias têm sempre, no mínimo, dois lados. Não existe uma fala única, uma narrativa única e nem tão pouco uma única verdade ou ponto de vista. Como argumenta Djamila Ribeiro (2017)³³ isso seria acabar com a ideia que apenas as pessoas que sofrem com determinada questão são as pessoas que podem falar sobre isso. Seria na verdade bem cômodo para quem está em um grupo que em determinada situação possui privilégios e é hegemônico, pois isso blindaria tais pessoas até mesmo de refletirem sobre, já que não tem lugar de fala mesmo.

É com este pensamento e concordando com a autora que digo: todas, todes e todos possuem lugar de fala, até porque, todos possuem uma posição social pois ninguém está flutuando pelo espaço e isolado da sociedade. O lugar de fala é apenas para entender de onde parte a sua posição social, mas, infelizmente o lugar de fala tem sido interpretado e reduzido à pessoa que profere um enunciado.

Foi quando entendi que todo mundo possui lugar de fala que realmente o mundo mudou para mim. Foi o que me permitiu romper com uma visão universal e essencialista das pessoas. Foi assim que pude perceber que se as pessoas são privilegiadas, elas podem pensar e refletir sobre as desigualdades sociais (seja o racismo, machismo, sexismo, capacitismo, etc) a partir da sua localização de privilégios, buscando relacionar sempre com as outras posições sociais ou os outros lugares de fala. É entender que se a pessoa vive uma posição privilegiada, outras pessoas, diferentes dela, irão viver uma condição marginalizada.

Nesta perspectiva, Naira Gomes (2021)³⁴ indica que um “diálogo social” passa a existir, pois através do rompimento do discurso único e universal outras vozes passam a

33 RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte – MG: Editora Letramento, 2017, 112p.

34 GOMES, Naira. Lugar de fala, lugar de insurgência. *Revista Coletivo SECONBA*, v. 5, n. 1, p. 79 - 81, 2021.



fazer parte do debate, sendo notadas, percebidas, escutadas, coisa que por muito tempo a nossa sociedade, pautada nas colonialidades, se esforça para abafar.

Em entrevista à Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde – RECIIS³⁵, em 2019, o Professor Muniz Sodré ao ser questionado sobre a sua compreensão de lugar de fala, também diz que defende a ideia do deslocamento de lugares e que o diálogo real só é possível quando essa troca se dá sob lugares diferentes.

De acordo com o Professor, o diálogo é mais do que uma simples troca de palavras, isso até mesmo um papagaio consegue fazer, pois não há a necessidade de reflexão. Um diálogo ocorre entre duas ou mais pessoas quando uma se importa em interpretar a fala da outra, quando há a intenção de se atribuir significados a partir do outro e a partir de sua própria experiência. Para Sodré (2019)³⁶, a principal característica do lugar seria a sua mobilidade, que inclusive pode ser observada no nosso cotidiano. Pare para pensar no seu dia de hoje, por quantos lugares diferentes (com visões diferentes) você passou hoje?

Assim é com o lugar de fala. Ao rompermos de vez com uma visão essencialista e universalista podemos reconhecer que existem características comuns que são vividas “através da acumulação de experiências similares (mas não idênticas) em diferentes contextos”, como nos indica Cláudia Cardoso (p. 972, 2014)³⁷.

Entendo que as características comuns são frutos da estruturação que há nas relações de poder que hierarquiza e divide desigualmente a sociedade em diferentes grupos com acessos distintos a uma cidadania plena. A partir de uma real observação em nossa dinâmica sócioespacial, a exemplo de notarmos a população negra, as mulheres, imigrantes, etc, é que vamos notar que todo mundo possui uma fala a partir da sua experiência, que naquele momento não é apenas individual, mas enquanto um grupo social.

Quando eu estou falando “a partir do meu lugar de fala” no feminismo, não estou falando apenas das minhas experiências individuais enquanto mulher cis não branca, mas enquanto mulher em uma sociedade patriarcal, capitalista, misógina, etc. Uma outra

35 RECIIS. Entrevista com Muniz Sodré. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*. v. 13, n.4, p. 877 – 886, 2019.

36 *Id. Ibid.*

37 CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014.



mulher branca travesti também deve falar através do seu lugar de fala no feminismo. Nós sofremos coisas parecidas em uma sociedade patriarcal, misógina e capitalista, mas nos diferenciamos em experiências no que diz respeito as nossas racialidades e vivências em uma sociedade transfóbica e brancocêntrica. E é por isso que todas, todes e todos têm lugar de fala!

Conjunções identificadas e convites para um caminhar coletivo futuro

A partir do objetivo de divulgar um conjunto de debates que se cruzam nos feminismos, evidenciando, neste caso, a multiplicidade de formas de entender o feminismo e o ser feminista é que este artigo é idealizado. Para tanto, expressões coletivas e individuais foram acionadas justamente por entender que o mundo se dá em um contexto de rupturas de pensamentos e modelos universais.

Sendo assim, ao trazer críticas que sustentam transformações no feminismo, eu reconheço a necessidade de se transformar para evoluir, nada muito diferente do que já ocorre na natureza, a exemplo do processo de transformação de uma lagarta em borboleta. É dessa transformação que o mundo precisa, que nós precisamos.

O texto se estrutura em três seções, onde inicialmente apresento quatro críticas ao feminismo para explanar o processo de auto crítica deste movimento ao converter-se em feminismos, o que aqui apresento enquanto feminismos múltiplos, sendo esta a segunda seção que apresenta a diversidade e complexidade dos feminismos. Por fim, a terceira seção apresenta a relação dos feminismos com o lugar de fala, sendo esta uma possibilidade prática, teórica e metodológica de se possibilitar o reconhecimento de outras vozes dentro de uma pluralidade sócioespacial.

Deste modo, finalizo esta escrita reconhecendo a necessidade de sermos abertas ao que os outros e as outras nos dizem, muitas vezes o olhar de fora nos permite a compreensão de coisas que de tão naturalizadas se tornam difíceis de serem enxergadas. As críticas ao feminismo, em especial ao imaginário do feminismo universal, não são críticas vazias, elas servem para incomodar, e é só a partir deste incômodo que a movimentação acontece.

É neste momento que outras ações sociais e intelectuais ganham força dentro do feminismo enquanto movimento político. Nesta movimentação vozes de sujeitas/os marginalizadas/os emergem nos colocando em uma posição de tensão social, mas ao



mesmo tempo possibilitando a transformação tão necessária.

Dito isto, concluo que o caminho da vida é a mudança, e por isso não podemos nos permitir a estagnação. As críticas aqui apresentadas são respostas às demandas de uma sociedade que se abriu ao novo e ao complexo a partir da virada do século. As alteridades não deixarão de existir, cabe a nós nos permitirmos um constante processo de mutação para o acolhimento do desconhecido e do diferente. É isso que me enriquece, nos enriquece e também enriquece os movimentos sociais, aqui visto a exemplo da emergência de alguns dos feminismos múltiplos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Sujetos de sexo/género/deseo. In: BUTLER, Judith. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Paidós, p. 45 – 100, 2007.

CAMPAGNOLI, Mabel Alicia. Epistemologías críticas feministas: Aproximaciones actuales. **Descentrada - Revista interdisciplinaria de feminismos y género**, v. 2, n. 2, p. 1 – 10, 2018.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 965 - 986, 2014.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. **Revista Estudos Feministas**, n. Edição Espacial, v. 12, p. 23-36, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Conferência de abertura do XI COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadoras/es Negras/os: Negras Escrevivências**. 2020. Curitiba – Paraná. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cI5E&ab_channel=ABPN>. Acesso em: junho de 2021.

FONTANA, Mónica Graciela Zoppi. Lugar de fala: enunciação, subjetivação, resistência. **Conexão Letras**, v. 12, n. 18, p. 63 - 71, 2017.



GELEDÉS. **A dororidade e a dor que só as mulheres negras reconhecem**. 23 de dezembro de 2017. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/dororidade-e-dor-que-so-as-mulheres-negras-reconhecem/>>. Acesso em: julho de 2021.

GOMES, Naira. Lugar de fala, lugar de insurgência. **Revista Coletivo SECONBA**, v. 5, n. 1, p. 79 - 81, 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, s/v. n. 5, p. 7 - 41, 1995.

HOOKS, Bell. (Org.). **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018 [2000]. 134p.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MENDONÇA, Camila; ALBUQUERQUE, Cíntia. Sobre o lugar de fala: Localizações, silenciamentos e autorizações. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 1, p. 561 - 567, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **CODESRIA: Gender Series**, v. 1, p. 1 – 8, 2004.

PUPPO, Joana d'Arc Martins. Feminismos múltiplos – Teorias, pensamentos e autoria literária de mulheres. In: **III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem: Descolonialidade e desobediência nos estudos das linguagens**. Ponta Grossa – Paraná, 2019, p.1. Disponível em: <https://siseve.apps.uepg.br/storage/ciel2019simp/32_Joana_D_Arc_Martins_Puppo-55205694275362.pdf>. Acesso em: junho de 2021.

RECIIS. Entrevista com Muniz Sodré. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. v. 13, n.4, p. 877 – 886, 2019.



RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte – MG: Editora Letramento, 2017, 112p.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-Cadernos Ces [online], Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical**, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: junho de 2021.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25 – 54.

TAVARES, Manuela. **Feminismos: Percursos e Desafios**. Alfragide – Portugal: Texto Editores, 2011. 746p.

VIEIRA, Helena. Afinal, o que é a teoria queer? O que fala Judith Butler? **Diálogos do Sul - UOL**. São Paulo - SP, 25 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/51728/afinal-o-que-e-a-teoria-queer-o-que-fala-judith-butler>>. Acesso em: junho de 2021.

WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. Feminismos Plurais, Mulheres de Luta. In: (Orgs). WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. **Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. 1ª. ed. – Curitiba: Appris, p. 8 – 16, 2019.